

Revista do SELL
v. 6, no. 1
ISSN: 1983 – 3873

**POLÊMICA DISCURSIVA NO FACEBOOK: SOBRE CONSTRUÇÕES DE
SIMULACROS**
***DISCURSIVE CONTROVERSY ON FACEBOOK: ABOUT CONSTRUCTION
OF SIMULACRA***

Breno Rafael Martins Parreira Rodrigues Rezende
Universidade Federal de Uberlândia

RESUMO: No presente trabalho, que tem por base os fundamentos do quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, a AD, tentamos identificar a formação da polêmica em torno do movimento dos Black Blocs (BB) com dados recolhidos a partir da rede social *Facebook*. Nessa rede, existem páginas que se prestam a informar e opinar acerca das ações que envolvem os BB. A partir das informações e opiniões postadas nessas páginas, observamos emergir um debate que, com base nas reflexões de Maingueneau (2010), estão circunscritos no registro polêmico. Para proceder à análise nos valem, sobretudo, dos conceitos de simulacro, ethos e cenas de enunciação. Os resultados apontam dois posicionamentos que constroem suas identidades na relação polêmica que estabelecem entre si.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; polêmica discursiva; *Facebook*; simulacro.

ABSTRACT: In this study, which is based on the fundamentals of theoretical and methodological framework of the Analysis of French Discourse, AD, we try to identify the formation of the controversy surrounding the movement of Black Blocs (BB) with data gathered from social networking *Facebook*. In this network, there are pages that lend themselves to inform and opine about actions involving the BB. From the information and opinions posted on these pages, we see emerging a debate that, based on the reflections of Maingueneau (2010), are confined in the controversial record. To undertake analysis we avail ourselves, especially the concepts of simulacrum, ethos and enunciation scenes. The results point to two positions that construct their identities in the controversial relationship they establish with each other.

KEY-WORDS: Analysis of Discourse; controversy; *Facebook*; simulacrum.

1. Introdução

Em 2013, observou-se emergir uma onda de protestos por todo o país. O “start” para que as movimentações começassem foi o aumento de 0,20 centavos nas tarifas do transporte público na cidade de São Paulo. A partir disso, a comoção em torno da luta dos estudantes revolucionários se alastrou por todo o território brasileiro e pessoas de todo Brasil saíram às ruas para manifestar revolta em relação à administração pública da nação.

Nesse contexto, muitos enunciados surgiram: “o gigante acordou”, “não são apenas vinte centavos”, “vem pra rua”, etc. Esses enunciados tiveram (e ainda têm!) um espaço privilegiado onde circularam: o *Facebook*. Nessa rede social, assim como em todos os meios midiáticos, as pessoas expressavam apoio pela luta dos jovens paulistas que exigiam que as tarifas dos ônibus baixassem e que protestavam por outros assuntos que vieram à tona em meio às discussões a respeito da organização pública brasileira.

Nesse momento (maio e junho de 2013), observamos nitidamente que os enunciados que circulavam na rede eram, majoritariamente, favoráveis aos manifestos. Contudo, logo a repercussão em torno das manifestações diminuiu, e muitas pessoas voltaram a seus cotidianos, sem passeatas e sem cartazes de protesto.

Mesmo que a repercussão em torno dos protestos tivesse diminuído, sua força parece ter dado espaço para discussões lançadas por outro movimento: o dos “Black Blocs”. Esse termo vem da Alemanha do início dos anos de 1980, em que parte da polícia alemã utilizava-o para denominar os manifestantes de esquerda que protestavam usando máscaras e roupas negras. Mas foi nos Estados Unidos, durante as manifestações de 1988 contra o Pentágono, que o movimento foi devidamente batizado de “Black Bloc”, uma tradução do alemão “Schwarzer Block” (DUPUIS-DÉRI, 2010).

O fato é que, no Brasil, em todos os estados, surgiram grupos que se autodenominam “Black Blocs” (BB) e realizaram ações de protesto motivadas e tendo por alvo, segundo eles, o estado brasileiro. É em torno de ações desse grupo que observamos emergir uma polêmica que, ao contrário do discurso

majoritariamente favorável sobre as manifestações de maio e junho de 2013, dividiu opiniões: seriam os “Black Blocs” baderneiros ou revolucionários?

Assim como o *Facebook* privilegiou a circulação de enunciados sobre as manifestações de maio e junho, nessa rede, o movimento dos “Black Blocs” também teve um espaço amplo para que as discussões sobre as ações dos participantes acontecessem. Surgiram páginas em que os locutores informavam e opinavam acerca das ações do grupo nas diferentes regiões do país.

Nessas mesmas páginas podemos observar opiniões diversas a respeito das ações de protesto dos BB. Por um lado, há quem defenda que o movimento é legítimo e que seus participantes são pessoas engajadas na luta por uma sociedade melhor; por outro lado, há quem deslegitime as ações dos manifestantes e defenda que suas práticas são atos de “baderna”.

É, pois, sobre essa polêmica que voltaremos nosso olhar neste trabalho. Investigaremos em publicações no *Facebook* qual a leitura que os usuários dessa rede social fazem das notícias veiculadas pela mídia, observando os sentidos que são atribuídos ao grupo e os posicionamentos dos usuários em relação ao movimento. Dessa maneira, o objetivo principal deste trabalho é analisar discursivamente a polêmica envolvendo o grupo dos BB em textos veiculados pela internet na rede social *Facebook*.

Tal investigação é, a nosso ver, interessante, já que, parece-nos, que as manifestações de 2013 são um marco na história da sociedade brasileira. Entendemos que, culturalmente, sempre se atribui à nossa sociedade pouco interesse pela política e, ao saírem às ruas e expressarem seu desejo por uma administração pública mais justa, os brasileiros demonstraram uma mudança de comportamento.

Tal mudança pode ser constatada nos textos que emergiram no período dessas manifestações. Levando em conta que a polêmica envolvendo os BB ocorre pela linguagem e sendo a linguagem e os efeitos de sentido que são produzidos por ela o objeto natural dos estudos linguísticos, este trabalho justifica-se pela importância em analisar recentes acontecimentos e quais impactos causaram em nossa sociedade.

Nessa perspectiva, observamos que a polêmica dos BB é um terreno muito fértil para que possamos observar a materialização da ideologia e da

história no discurso da sociedade brasileira que, atualmente, passa por um momento de extrema transformação cultural. Além disso, é relevante salientar que escolhemos a rede social *Facebook* para coletar o *corpus*¹ para a análise deste trabalho por, assim como pontuamos acima, ser um espaço privilegiado de discussões sobre o assunto.

Ao procedermos à análise dos dados, mobilizamos os conceitos de *ethos*, cenas de enunciação e de simulacro, conceitos com que trabalha D. Maingueneau. Além disso, propomos uma discussão em torno do *interdiscurso*, que é um fundamento tão importante para a AD.

2. O (Mesmo) discurso e seu Outro

Ao falar sobre simulacros que são construídos no interior de uma polêmica, Maingueneau (2008) afirma que o discurso do Outro só aparece no discurso do Mesmo sob a forma de uma tradução negativa.

Isso ocorre porque, na semântica do discurso, o Mesmo reivindica os semas que considera “positivos” e rejeita os que considera “negativos”, atribuindo ao seu Outro esses semas rejeitados. Para o autor, essa tradução, o simulacro, é fruto de uma interincompreensão num espaço discursivo de um posicionamento com outro, de uma formação discursiva com outra.

No entanto, como o estudioso afirma, essa interincompreensão “não decorre de mal-entendidos languageiros usuais”, ela é fruto do confronto de posicionamentos discursivos distintos, próprio da natureza da polêmica.

Maingueneau (2010) reflete sobre a questão do polêmico no âmbito do quadro teórico-metodológico da AD. Para o especialista, ter o polêmico ao lado do épico ou do fantástico como um registro não é algo extraordinário, já que o termo “registro” em um sentido mais abrangente pode “designar qualquer conjunto de traços linguísticos regularmente associados em um discurso, mas que não se caracterizam por ocorrerem em um único gênero” (p. 187). O autor levanta um postulado de Halliday (1978) em que o registro é, em linhas bastante gerais, definido como escolhas linguísticas que se faz frente a determinadas situações de comunicação.

¹Cf. ANEXO I – textos extraídos do *Facebook*.

Para explicar a noção de registro, Maingueneau (2010) distingue três tipos: os registros linguísticos, funcionais e comunicacionais. Segundo o analista, os registros linguísticos são as sequências de um texto ou as marcas linguísticas que se podem observar nele; para o autor esse tipo de registro é de ordem enunciativa, está associado à estrutura linguística de um enunciado. Já os registros fundados em critérios funcionais estão atrelados às funções de um texto, que pode ser “lúdico, informativo, prescritivo, ritual” (p. 189). Por fim, o especialista distingue os registros comunicacionais que combinam traços linguísticos e funcionais e dessa combinação emerge, por exemplo, o discurso cômico, o discurso didático, etc.

Ainda de acordo com Maingueneau (2010), o polêmico está relacionado a esse terceiro tipo e a ele pode ser associado um “repertório” de traços linguísticos considerados verbalmente violentos. Contudo, o autor deixa claro que, em análise do discurso, o polêmico não pode ser reduzido a uma definição tão vaga.

Para Maingueneau, o termo polêmico abrange apenas os gêneros instituídos. Isso quer dizer que, segundo o especialista, a polêmica nunca emerge, por exemplo, de uma conversa espontânea já que está além da interação entre sujeitos. Dessa maneira, uma “briga entre bêbados” ou “entre vizinhos” não pode ser considerada uma polêmica, é antes uma discussão, um “bate-boca”. Além disso, Maingueneau (*op. cit.*) deixa claro que as discussões ou os “bate-bocas” podem se findar neles mesmos, enquanto a polêmica se estende cronologicamente e tem três dimensões: enunciativo-pragmática, genérica e semântica.

A primeira delas, a dimensão enunciativo-pragmática, tem como principal característica as marcas linguísticas de “polemicidade” do texto, com as quais o sujeito tenta integrar ou desqualificar seu adversário por meio do discurso. A dimensão sociogenérica se segue de uma prática que envolve a história, o interdiscurso, um gênero e um suporte. Para Maingueneau (2010), o registro polêmico não apresenta necessariamente uma “preferência” por um gênero ou outro, mas está ligado à condição em que os enunciados são produzidos e postos a circular. Além disso, o especialista afirma que a polêmica acontece em gêneros instituídos. Já a dimensão semântica envolve

questões da própria identidade do discurso e a construção dessa identidade em diferentes enunciações.

Diferente das outras dimensões, para Maingueneau, na dimensão semântica não são as marcas enunciativas ou as práticas discursivas com as quais se constrói um enunciado que garantem o conflito, o polêmico. O polêmico é fruto da própria identidade discursiva e do choque entre identidades discursivas diferentes. A dimensão semântica da polêmica é, dessa forma, relativa à maneira como dois posicionamentos atribuem sentidos ao Outro:

Se se admite que a relação com o outro é constitutiva, segue-se que as modalidades do polêmico variam em função dos posicionamentos concernidos. Alguns posicionamentos são destinados a produzir incessantemente textos polêmicos; outros se esforçam, ao contrário, para evitar os conflitos, mas tanto em um caso como no outro, este traço é parte integrante de sua identidade (MAINGUENEAU, 2010, p. 196).

Para Maingueneau (*op. cit.*), dessa perspectiva, desloca-se o interesse em conceber “o” polêmico para compreender a identidade dos posicionamentos dos sujeitos em debate, que mutuamente se pressupõem e constroem a polêmica.

Essa característica da dimensão semântica da polêmica, de que os discursos dos variados posicionamentos pressupõem sempre um Outro, remete-nos ao primado do interdiscurso, que, para Maingueneau (2008), *grosso modo*, refere-se à noção de que um discurso sempre é constituído na relação com seu outro, e vice-versa.

Na polêmica, de acordo com Maingueneau, a relação de um discurso com seu Outro se dá de duas maneiras: sob a forma de integração, que consiste em criticar a semântica do discurso do adversário e sob a forma de exclusão, que consiste na rejeição dessa semântica, tomando-a como incompatível com a verdade.

Interessa-nos, neste trabalho, a primeira dessas formas, já que entendemos que o simulacro é relativo ao processo em que o discurso do Outro é retomado, como já dito, sob a forma de uma tradução negativa (uma crítica) de uma FD sobre o discurso de seu adversário, sempre em confronto.

3. *Ethos* e cenografia

Maingueneau (2008) retoma o conceito aristotélico de *ethos* que “consiste em causar boa impressão mediante a forma com que se constrói o discurso, em dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando sua confiança” (p. 56). No entanto, o conceito de *ethos* para o autor vai além do proposto na *Retórica* de Aristóteles, já que se refere à imagem que se constrói do locutor não apenas em textos orais, mas também em textos escritos.

Para o analista, o *ethos* está estritamente ligado à enunciação, de maneira que o público pode construir representações do enunciador antes que ele fale. Para resolver a problemática em torno dessa noção, Maingueneau (2008) propõe uma distinção entre *ethos* discursivo e *ethos* pré-discursivo.

Enunciadores que ocupam a cena midiática, mesmo antes de falar, têm associado a si um *ethos* pré-discursivo que, de acordo com Maingueneau, pode ser firmado ou infirmado no momento em que a enunciação ocorre, é o caso dos políticos, por exemplo. Não obstante, segundo o autor, ainda que não se saiba nada sobre o enunciador, se podem criar expectativas sobre o *ethos* a partir de um gênero discursivo ao qual o texto pertence ou a partir de um dado posicionamento.

Já o *ethos* discursivo diz respeito à representação que o co-enunciador faz do enunciador no momento em que a enunciação ocorre. De acordo com Maingueneau, somente esse tipo corresponde à concepção retórica.

O tom, que é assumido por Maingueneau (2008) como uma das dimensões dos discursos, também torna possível a vocalidade do discurso e constitui uma “dimensão que faz parte da identidade de um posicionamento discursivo” (p. 73). Para o autor, em as *Três facetas do polêmico*, certa violência e agressividade dos traços linguísticos mobilizados na construção dos enunciados sempre configuram um tom veemente na polêmica.

Maingueneau postula que a determinação de uma vocalidade imposta pelo tom implica uma determinação corporal do enunciador (o que não é equivalente ao autor). De acordo com o analista, “a leitura faz emergir uma origem enunciativa, uma instância subjetiva encarnada que exerce o papel de fiador” (2008, p. 64), instância que é determinada física e psiquicamente pelas representações coletivas, que tem a si atribuído um “caráter” e uma

“corporalidade” avaliadas de forma positiva ou negativa, de acordo com as representações sociais e estereótipos a serem reforçados ou não pela enunciação.

No entanto, o simples fato de que exista uma “personagem fiadora” não garante a incorporação do co-enunciador. A incorporação, para Maingueneau (*op. cit.*), depende de um “mundo ético” do qual o fiador faz parte e dá acesso. O autor define esse “mundo ético” como “um estereótipo cultural que subsume determinado número de situações estereotípicas associadas a comportamentos” (p.65). Na publicidade, segundo o exemplo dado pelo próprio analista, esses estereótipos são bastante difundidos, como é o caso da associação da imagem da mulher à da cerveja no Brasil, por exemplo.

De acordo com Maingueneau (2008), a incorporação é a maneira pela qual o co-enunciador se apropria do *ethos* que emerge do texto posto a circular.

Na relação polêmica em que o *ethos* pode ser rejeitado ou ignorado pelo Outro, a cenografia é uma importante peça do “jogo”. De acordo com Maingueneau (2008), a cenografia, que evoca sempre um *ethos*, constitui com a cena genérica e a cena a englobante o que o autor chama de cena da enunciação.

Segundo Maingueneau, a cena englobante diz respeito ao tipo de discurso (religioso, literário, publicitário e etc.), a cena genérica ao gênero do discurso ao qual o enunciado pertence (propaganda, notícia, carta), mas a cenografia não é imposta pelo tipo, e tampouco pelo gênero do discurso. Ela é construída pelo próprio discurso.

Ao deparar-se com uma cenografia o leitor poderá estar “preso em uma armadilha”. Isso porque, ainda de acordo com o autor, a cenografia imposta pelo discurso “dissimula” uma cena genérica que na verdade é uma cenografia, da qual o texto se origina. Um exemplo do próprio autor são os libelos jansenistas que circularam sob a forma de “cartas” durante a polêmica do jansenismo contra o humanismo devoto. No entanto, para o analista, qualquer cenografia não implica a alteração da cena genérica: a função acusatória do libelo foi mantida para o leitor na “armadilha”.

Nos dados recolhidos para a análise deste trabalho, observamos que a cenografia, além de evocar um *ethos*, participa efetivamente da construção dos simulacros, como veremos na próxima seção deste texto.

4. Baderneiros ou revolucionários?

As páginas do *Facebook* das quais recolhemos nossos dados são públicas, ou seja, todos os usuários têm acesso irrestrito às publicações na rede. Além disso, é importante ressaltar que todas elas se dedicam a tratar de um mesmo assunto: os acontecimentos que envolvem os BB e as manifestações que ocorreram pelo Brasil inteiro.

Recolhemos nessas páginas 170 textos de naturezas diferentes: quatro deles são “posts”, ou seja, publicações feitas pelos administradores das páginas para que seus interlocutores opinem e/ou observem o assunto que elas veiculam (as ações dos BB); os demais 166 textos são todos comentários sobre os 4 posts, feitos ou pelos administradores das páginas (em defesa do que a própria publicação veicula), ou pelos interlocutores que acessaram e leram a publicação. Neste texto analisamos os exemplos que consideramos mais relevantes.

Nessas páginas observamos de maneira muito clara surgirem dois tipos de opinião a respeito do movimento dos BB: 1º) de que são baderneiros; 2º) de que são revolucionários. Assim, é possível apreender a materialização de duas formações discursivas² a respeito da polêmica que objetivamos analisar neste trabalho, uma a favor e outra contra o movimento.

Por exemplo, são diversas as opiniões expressas nos comentários de usuários da rede acerca de uma publicação que trata do caso de um coronel espancado durante um protesto dos BB, caso que foi bastante difundido nas diferentes mídias do Brasil e do mundo.

Vejamos o seguinte trecho do “post” de uma das páginas analisadas:

- (1) Local do começo da peça: Teatro Municipal de São Paulo
Dia: 25 de outubro
Diretores: Coronel, Governo e Mídia.

² A título de organização, chamaremos a FD que atribui ao movimento o status de baderna de FD¹ e à segunda, que acredita que os BB são revolucionários, chamaremos de FD².

Nome da peça: O Espancamento

Que comece a peça e que comecemos a pensar: semana passada no Deic um delegado disse que a Black Bloc é uma organização criminosa, aí começa o teatro. Na noite de 25 de outubro o Coronel Reynaldo Rossi saiu no meio de muitos Blacks Blocs fardado e seu P2 (polícia infiltrado) armado do lado dele em um momento de tumulto, tava na cara que ia dar merda. Diz o coronel que queria negociar. Mas negociar o que? O ‘quebra-quebra’ já tinha acontecido o que ele queria negociar? Ele sabia claramente que ia apanhar dos BB’s pois a maioria dos Blocs já sofreram agressões injustas da PM sabendo que quem comandava era o tal Coronel aí começou a agressão e também a parte intrigante, o seu parceiro de trabalho (o policial infiltrado) armado viu seu Coronel apanhando por um tempo e ficou olhando PARADO, eu vi, eu estava lá! Depois de algum tempo (OU ALGUMAS FOTOS PRA MÍDIA PODRE) ele sacou a arma e ‘salvou’ o Coronel, logo em seguida o Coronel fala bem alto pra mídia ouvir “PM não perca a cabeça, não atire nos manifestantes” para fazer sua imagem de mocinho, estranho não? O mesmo coronel que semana passada comandou o ato que a PM desceu o pau em manifestante e na mídia? Se foi pra negociar, porque não mandou um soldado qualquer? Foi logo ele? LOGO O CORONEL QUE SE ESCONDE ATRÁS DOS ESCUDOS E SÓ DÁ ORDENS? Claro, eles precisavam de uma figura significativa, daí o teatro estava finalizando. Logo a Dilma posta no twitter em solidariedade ao Coronel e repudia a Black Bloc, logo a Dilma que nunca prestou solidariedade a professora que morreu pela inalação de gás, logo a que não prestou solidariedade aos manifestantes que ficaram cegos e que morreram, ao Amarildo que sumiu.
(...).

Em (1) é nítido que a “ficha técnica” apresentada na introdução da publicação não se trata do gênero “programas de teatro” (ou de qualquer outra apresentação artística), mas de um “post” que apresenta a notícia do espancamento do coronel por meio de uma cenografia de programa de teatro.

O “post” publicado para acusar a falsidade das ações do coronel e justificar o porquê de ele ter sofrido as agressões dos BB circulou sob a forma da cenografia programa de teatro, o que corrobora o simulacro que a FD² constrói do discurso do coronel: o de que ele estaria encenando, representando um papel, de que a fala dele seguia um “roteiro”.

Como destacamos, Maingueneau (2008) considera que uma cenografia tem sempre atrelado a si um *ethos*. No exemplo analisado, apesar do tom veemente e violento, comum à polêmica, como já dito, observável nas acusações que a FD² faz ao coronel Reynaldo Rossi, como “ele sabia que ia apanhar”, ou as acusações à presidenta Dilma “que nunca prestou

solidariedade à professora que morreu por inalação de gás”, observamos emergir um *ethos* acusatório/dissimulado.

Nesse “post”, ao invés de se dirigir ao co-enunciador através de uma acusação explícita, de que o coronel “armou” uma cena para deixar a população desacreditada sobre o movimento dos BB perante as notícias veiculadas pela mídia, o locutor o faz por meio da cenografia de programa de teatro. Mas qual o efeito de sentido que emerge desse *ethos* e dessa cenografia?

A acusação dirigida ao coronel não é explícita no “post”, ela é fruto de um *ethos* (o *ethos* do BB) atrelado à cenografia programa de teatro. A própria cenografia que fora mobilizada para descrever o ocorrido “dissimula” a acusação do locutor da FD²: de que tudo não se passou de encenação por parte do coronel.

A partir da cena de enunciação instaurada e do *ethos* atrelado a ela, observamos que a acusação que o locutor faz ao coronel é “dissimulada”, constrói do discurso dele um simulacro de falsidade/“encenação” e permite observarmos como se materializa esse *ethos* acusatório/dissimulado do locutor da página.

Nos comentários que a publicação recebeu, é possível outras maneiras pelas quais os simulacros dessa polêmica são construídos. Vejamos os seguintes exemplos:

- (2) Deixem de ser babacas; a violência precisa ser condenada, as manifestações somente engrossarão se forem pacíficas. Os BB afastam a população das mobilizações.
- (3) vc é repetidor da globo? A população não está afastada das manifestações. A globo com suas mentiras e a PM com seu desrespeito e violência realmente tentam afastar o povo das ruas. Agora, quem não está e nunca esteve lá, só sabe repetir o chavão global.

Observamos em (2) uma dura crítica à ação dos BB quanto à violência retratada no caso do coronel Reynaldo Rossi. Para o sujeito da FD¹, que se posiciona contra as ações do movimento, a violência não deve ser característica das manifestações, mas isso é expresso por meio de recursos linguísticos violentos, como a injúria “deixem de ser babacas” dirigida aos BB, à FD².

Nos dois exemplos apresentados, o “tom” mobilizado pelos interlocutores é violento, comum ao registro polêmico como dissemos anteriormente. No entanto, é possível observarmos que nos dois enunciados o *ethos* que emerge é o mesmo *ethos* acusatório que observamos em (1), com a diferença de que em (2) e (3) é mais explícito por falta da cenografia “programa de teatro”.

Na análise desses dados, interessa-nos destacar como o simulacro é construído. Em (2) observamos a crítica que o locutor faz ao movimento dos BB, carregada de injúrias (como em “deixem de ser babacas”) que é “combatida” por (3) por meio de um simulacro.

O locutor de (3) incorpora a crítica de (2) ao seu discurso e parece traduzi-la como alienação/informação manipulada. Isso porque, o locutor de (3) traduz a acusação de que “os BB afastam a população das ruas” como informação repetida da Globo (“você é repetidor da Globo?”). Constatamos que, para os sujeitos envolvidos nesse debate no *Facebook*, a TV Globo não veicula notícias dignas de credibilidade, mas notícias distorcidas, manipuladas e manipuladoras.

Tal constatação é também recorrente em outros dados do *corpus* analisado, como fica evidente no seguinte exemplo:

- (4) Deveria haver mais discernimento. No que esse comportamento desses tais black blocs difere da ação do PCC de uns anos pra cá? Aliás, a quem mais interessa ver viaturas policiais destruídas: à bandidagem ou ao contribuinte, que vê seus impostos jogados no lixo? Esses caras não são manifestantes, são baderneiros oportunistas, provavelmente ligados a PCC e a algum grupo de extrema direita fascista. Quem compara esses arremedos de terrorista ao tais manifestantes franceses que destroem tudo veem pela frente não sabe o que está fazendo. Tá achando bonito o crescente neofascismo da França replicado no Brasil. Ficam defendendo um bando de otário que saem feito gafanhotos destruindo a tudo pelo caminho, prejudicando quem não tem nada a ver. Sim, *a Globo é uma bosta manipuladora*, mas esses filhinhos de papai retardados agindo desse jeito estão dando uma mão pra ela, agindo feito bestas ensandecidad (*grifo nosso*).

Em (4), assim como em outros dados do *corpus*, a Globo é taxada como “bosta manipuladora”, por ambos os posicionamentos que observamos no interior da polêmica estudada. Desse modo, parece-nos evidente que, apesar

de os posicionamentos a respeito das ações dos BB serem divergentes, a imagem atribuída à emissora, pelas duas FD, é sempre a de que ela é parcial e manipuladora³.

Nessa perspectiva, a pergunta que (3) dirige a (2) não funciona apenas como uma retomada do que foi dito anteriormente, mas como um simulacro que deslegitima a participação alienada, segundo a FD², do sujeito que enuncia da FD¹ no debate sobre o caso do coronel espancado.

Como dito ao início desta seção, acreditamos que os posicionamentos em torno da polêmica têm duas convicções: um que atribui aos BB a imagem de baderneiros e outro que tenta criar do movimento a imagem de revolução. Para exemplificarmos tais posicionamentos, selecionamos os seguintes exemplos, vejamos:

(5) A filosofia é: SEM LUTA NAO A VITORIA!

(6) Que luta!? Vejo uma cambada desorganizada, mal estruturada e preparada! Esses caras estão manchando a ideia de liberdade. (...)

A título de contextualização, o enunciado (5) é uma resposta à pergunta de um comentário anterior sobre a filosofia do movimento dos BB. Emerge de tal enunciado o *ethos* revolucionário que a FD² tenta construir das ações que envolvem esses manifestantes. Ele remete, por exemplo, à máxima da revolução cubana “hasta la victoria” de Ernesto Che Guevara.

Ao associar a imagem dos BB a um ícone da luta por melhorias no sistema político de um Estado, como Che Guevara, ou mesmo à ideia de luta por um país melhor, o sujeito em (5), que se posiciona em defesa do movimento dos BB, tenta construir de si e dos outros manifestantes a imagem de revolucionários, como já dito.

No entanto, a FD¹ tenta desestabilizar esse discurso por meio de um simulacro, em que o sintagma *luta*, revestido de ironia, passa a ter outro sentido, que não a “luta” à maneira de Che Guevara, por exemplo. Isso é ainda mais nítido quando observamos a definição que (6) atribui aos participantes do

³ Não nos interessa, nesse recorte da pesquisa, “esgotar” o dado exposto, mas unicamente mostrar, a partir dele, qual imagem é atribuída à TV Globo pelos participantes dessa polêmica no *Facebook*, já que é relevante para a análise de outros dados desta seção.

movimento dos BB: “uma cambada desorganizada, mal estruturada e preparada que mancha o ideal de liberdade”.

A expressão “desorganização”, que figura no discurso de (6), de posicionamento contrário ao movimento dos BB, atribui ao grupo a imagem de uma baderna, já que a desordem é característica daquilo que se entende por baderna.

Nessa perspectiva, o embate polêmico entre as duas FD que figuram nas discussões do *Facebook* sobre o movimento dos BB pode ser entendido da seguinte maneira: a FD² tenta construir uma imagem de revolução para o movimento, enquanto a FD¹ tenta traduzir essa revolução por baderna.

5. Considerações finais

A polêmica discursiva, como postula Maingueneau (2010), é um campo muito fértil para a AD. Neste trabalho, tentamos dar enfoque à maneira pela qual os discursos de diferentes posicionamentos se relacionam.

Constatamos que na polêmica analisada, envolvendo os BB, os sujeitos incorporam o discurso do Outro e criam dele uma “tradução” negativa, um simulacro. Tal constatação comprova a aplicabilidade do conceito de interdiscurso postulado por Maingueneau, já que é na relação de um discurso com o seu Outro que a interimcompreensão entre os diferentes posicionamentos acontece.

O simulacro, que é próprio da polêmica, é construído de diferentes maneiras do discurso do Outro com base nas categorias do posicionamento do Mesmo. Isso ocorre porque, de acordo com Maingueneau (2010), os sujeitos que ocupam determinado “lugar” precisam reconhecer “tais ou tais enunciados como intoleráveis do ponto de vista desse lugar, a ponto de julgarem necessário entrar em conflito com a suposta fonte desses enunciados” (p. 196).

Mesmo que os dados não sejam exaustivos, eles mostram aspectos interessantes da polêmica que envolveu os BB. Dentre eles, destacamos a mídia onde os enunciados de tal polêmica circularam, o *Facebook*, um “lugar” que atualmente abriga um grande número de polêmicas.

Além disso, destacamos também, a operacionalidade dos conceitos mobilizados para a análise dos “posts”. Desse modo, acreditamos que o quadro

teórico-metodológico da AD fornece conceitos importantes para a análise de dados como esses que apresentamos neste trabalho, dados provenientes da rede social.

Com base nos exemplos analisados, constatamos que a polêmica envolvendo os BB não nasce no *Facebook*, mas é levada a ele a partir de outras mídias, como a televisão.

É importante ressaltar que a análise dessa polêmica nos pareceu proveitosa sobretudo por conta dos comentários que os “posts” receberam. Em geral os “posts” analisados se referem a discursos veiculados por outras mídias e não a enunciados que circulam no interior da rede em que são publicados. No entanto, os comentários se referem, comumente, ao próprio “post” de que se fala ou a comentários anteriores, fornecendo dados expressivos para a análise da polêmica na própria rede social.

Com base nisso, parece bastante proveitoso ao analista do discurso analisar e descrever como os enunciados são produzidos e postos a circular nas redes sociais, já que há nelas uma grande profusão de temas e opiniões inscritas em debates. A polêmica dos BB no *Facebook* parece indicar que, em nossa contemporaneidade, as mídias sociais assumem o papel de “praça pública”, local que não deve ser esquecido, portanto, pelos estudiosos da linguagem.

REFERÊNCIAS

MAINGUENEAU, D. **Cenas da Enunciação**. (orgs.) POSSENTI, S; SILVA, M. C. P. S. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, D. **As três facetas do polêmico**. In: Doze conceitos em Análise do Discurso. (orgs.) POSSENTI, S.; SILVA, M. C. P. S. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MAINGUENEAU, D. **Ethos, cenografia, incorporação**. In: AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2013.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. 2ªed. São Paulo: Parábola, 2008.

DUPUIS-DÉRI, F. The Black Blocs Ten Years after Seattle: Anarchism, Direct Action, and Deliberative Practices. In: **Journal for the Study of Radicalism**, Vol. 4, No. 2, pp. 45–82. East Lansing: Michigan State University Board of Trustees, 2010.

ANEXOS

(1)

"Local do começo da peça: Teatro Municipal de São Paulo

Dia: 25 de Outubro

Diretores: Coronel, Governo e Mídia.

Nome da peça: O Espancamento

Que comece a peça e que comecemos a pensar: semana passada no Deic um delegado disse que a Black Bloc é uma organização criminosa, aí começa o teatro. Na noite de 25 de outubro o Coronel Reynaldo Rossi saiu no meio de muitos Blacks Blocs fardado e seu P2 (polícia infiltrado) armado do lado dele em um momento de tumulto, tava na cara que ia dar merda. Diz o coronel que queria negociar. Mas negociar o que? O 'quebra-quebra' já tinha acontecido o que ele queria negociar? Ele sabia claramente que ia apanhar dos BB's pois a maioria dos Blocs já sofreram agressões injustas da PM sabendo que quem comandava era o tal Coronel aí começou a agressão e também a parte intrigante, o seu parceiro de trabalho (o policial infiltrado) armado viu seu Coronel apanhando por um tempo e ficou olhando PARADO, eu vi, eu estava lá! Depois de algum tempo (OU ALGUMAS FOTOS PRA MÍDIA PODRE) ele sacou a arma e 'salvou' o Coronel, logo em seguida o Coronel fala bem alto pra mídia ouvir "PM não perca a cabeça, não atire nos manifestantes" para fazer sua imagem de mocinho, estranho não? O mesmo coronel que semana passada comandou o ato que a PM desceu o pau em manifestante e na mídia? Se foi pra negociar, porque não mandou um soldado qualquer? Foi logo ele? LOGO O CORONEL QUE SE ESCONDE ATRÁS DOS ESCUDOS E SÓ DÁ ORDENS? Claro, eles precisavam de uma figura significativa, daí o teatro estava finalizando. Logo a Dilma posta no twitter em solidariedade ao Coronel e repudia a Black Bloc, logo a Dilma que nunca prestou solidariedade a professora que morreu pela inalação de gás, logo a que não prestou solidariedade aos manifestantes que ficaram cegos e que morreram, ao Amarildo que sumiu.

Início da peça: Semana passada um delegado do Deic disse que a Black Bloc era organização criminosa. Meio da peça: O Coronel sendo 'injustiçado apanhando covardemente'. Final da peça: Dilma prestando solidariedade e repudiando a Black Bloc Agora estamos vivenciando a chave de ouro: A mídia publicando repentinamente o tempo todo a cena do Coronel apanhando e fazendo toda a população repudiar a Black Bloc e considera-los criminosos, para a PM descer o pau e ninguém ligar, pois quem ta fazendo barulho e incomodando o governo é a BB, quem causa dano ao patrimônio privado (Bancos) que mandam nessa porra de governo é a Black Bloc. Professores foram agredidos e ninguém fez nada, professora morreu e ninguém fez nada, 3 manifestantes cegos e ninguém fez nada, agora o coronel toma uns tapas e a mídia faz tal divulgação em massa e até a Dilma que nunca entra em seu twitter entrou, estranho não?"

- Membro do Anonymous

NÃO SE DEIXEM ENGANAR!!! COMPARTILHEM ISSO!!! ELES NÃO PODEM MAIS SE LIVRAR DA VERDADE!!!

(2)

_____: ⁴ Deixem de ser babacas; a violência precisa ser condenada, as manifestações somente engrossarão se forem pacíficas. Os BB afastam a população das mobilizações.

[Curtir](#) · [Responder](#) · 48 · 29 de outubro às 03:22

(3)

_____: vc é repetidor da globo? A população não está afastada das manifestações. A globo com suas mentiras e a PM com seu desrespeito e violência realmente tentam afastar o povo das ruas. Agora, quem não está e nunca esteve lá, só sabe repetir o chavão global.

[Curtir](#) · 41 · 29 de outubro às 03:35

(4)

_____: Deveria haver mais discernimento. No que esse comportamento desses tais black blocs difere da ação do PCC de uns anos pra cá? Aliás, a quem mais interessa ver viaturas policiais destruídas: à bandidagem ou ao contribuinte, que vê seus impostos jogados no lixo? Esses caras não são manifestantes, são baderneiros oportunistas, provavelmente ligados a PCC e a algum grupo de extrema direita fascista. Quem compara esses arremedos de terrorista ao tais manifestantes franceses que destroem tudo veem pela frente não sabe o que está fazendo. Tá achando bonito o crescente neofascismo da França replicado no Brasil. Ficam defendendo um bando de otário que saem feito gafanhotos destruindo a tudo pelo caminho, prejudicando quem não tem nada a ver. Sim, a Globo é uma bosta manipuladora, mas esses filhinhos de papai retardados agindo desse jeito estão dando uma mão pra ela, agindo feito bestas ensandecidad.

[Curtir](#) · 6 · 29 de outubro às 10:36

⁴ Por questões éticas preferimos suprimir o nome dos usuários que expressam seus comentários nas páginas em que coletamos nossos dados no *Facebook*.

(5)

_____ : A filosofia e : SEM LUTA NAO A VITORIA!

Curtir · 2 · 28 de outubro às 22:22

(6)

_____ : Que luta!? Vejo uma cambada desorganizada, mal estruturada e preparada! Esses caras estão manchando a ideia de liberdade. Vai chegar em um ponto de uma intervenção militar, aí quero ver o que vcs vão fazer. Na época da ditadura havia quem financiava a guerrilha, hoje em dia vcs vão tomar tiro, entrar pra estatística e vai ficar por isso mesmo. Até que ponto vai levar o quebra-quebra inútil. A polícia paulista é uma das mais covardes que eu conheço, quando começar a morrer gente, esta playboyzada de cabelinho arrepiado vai enfiar o rabo entre as pernas e se esconder. Ou até os oportunistas virão pra política com o discurso "Eu estava lá!" serão nada mais nada menos que mais um Lindbergh Farias!!! Pensem e repensem a forma de afrontar e atacar o sistema, que desta forma só vão arrumar sarna pra se coçar!!!

Curtir · 16 · 28 de outubro às 22:49

Fonte:

<https://www.facebook.com/AnonBRNews/photos/a.286106798104849.59790.276935342355328/569262196455973/?type=1&theater> (Acesso em 30/10/2013)